

**A HERMENÊUTICA DE GADAMER COMO ANTI-HERMENÊUTICA:
UM CONVITE À ASSOCIAÇÃO LIVRE COM A PSICANÁLISE**

[GADAMER'S HERMENEUTICS AS ANTI-HERMENEUTICS: AN INVITATION TO
FREE ASSOCIATION WITH PSYCHOANALYSIS]

Mauricio Martins Reis
mauriciomreis@terra.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-5954-813X>

Psicanalista, associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Doutor em Filosofia pela PUCRS, com Pós-Doutorado em Psicanálise e Hermenêutica pela UNISINOS, formado em Filosofia (Licenciatura) pela UNISINOS, formado em Direito pela UNISINOS, com Mestrado e Doutorado em Direito (UNISINOS). Atuou como professor universitário em Filosofia e Direito entre os anos de 2005 e 2021 em cursos de graduação e pós-graduação no Rio Grande do Sul (dentre os quais se destacam UNISINOS, Fundação Escola Superior do Ministério Público e FADERGS).

DOI: [10.25244/tf.v16i2.5916](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.5916)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2024. Aprovado em: 6 de maio de 2024

Caicó, ano 16, n. 2, 2023, p. 109-133
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i2.5916](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.5916)
Dossiê Gadamer



**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

Resumo: O propósito do artigo consiste em problematizar as recorrentes críticas que apontam uma antinomia essencial entre psicanálise e hermenêutica. Tomando como base a ressalva procedida por Jean Laplanche, o qual considera a psicanálise como uma espécie de anti-hermenêutica, objetiva-se contextualizar o pensamento de Hans-Georg Gadamer como uma modalidade bastante específica de hermenêutica, cuja universalidade a repousar em raízes históricas, existenciais e não metafísicas reivindica um tratamento diferenciado em face dos postulados deixados por Sigmund Freud. Assim sendo, a hipótese do argumento conjectura a possibilidade de se pensar uma convergência entre psicanálise e hermenêutica filosófica.

Palavras-chave: Hermenêutica. Psicanálise. Diálogo. Metafísica.

Abstract: The purpose of the article is to problematize the recurring criticisms that point out an essential antinomy between psychoanalysis and hermeneutics. Taking as a basis the reservation made by Jean Laplanche, who considers psychoanalysis as a type of anti-hermeneutics, the objective is to contextualize Hans-Georg Gadamer's thought as a very specific modality of hermeneutics, whose universality rests on historical roots, existential and non-metaphysical claims for different treatment in the face of the postulates left by Sigmund Freud. Therefore, the hypothesis of the argument conjectures the possibility of thinking about a convergence between psychoanalysis and philosophical hermeneutics.

Keywords: Hermeneutics. Psychoanalysis. Dialogue. Metaphysics.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

INTRODUÇÃO

Um dos maiores expoentes da psicanálise contemporânea, Jean Laplanche, teve no ano de 2023 uma de suas obras – um conjunto de ensaios e artigos produzidos ao longo de sua trajetória intelectual – traduzida para o português (LAPLANCHE, 2023)¹. Nela se destaca ao nosso ver, pelo enfoque de uma publicação cujo expoente é Hans-Georg Gadamer, um artigo intitulado “A psicanálise como anti-hermenêutica”, no qual o psicanalista francês demarca a oposição essencial entre o arcabouço psicanalítico e a hermenêutica. Nosso objetivo nesse artigo consiste em situar a problemática indicada por meio daquela antinomia tão radical (pelo menos a partir da intensidade sugerida pelo título), tendo como ponto de arranque a devida contextualização – um refinamento já hermenêutico por ele mesmo – daquilo que efetivamente resulta contraposto entre aquelas duas expressões do universo humano.

Em certa medida, a hipótese de trabalho a ser aquilatada ao longo do texto consiste em mostrar o quanto a hermenêutica, seja como substantivo ou adjetivo, se mostra irreduzível a uma única maneira de pensar e, portanto, se apresenta imperiosa a tarefa de explicitar em quais específicos referenciais ela é apropriada para o bem ou para o mal. Se é verdade que a psicanálise, uma ciência centenária tão multifacetada quanto a hermenêutica, resultou especificada por Laplanche no ensaio – para ele a psicanálise é a de seu fundador, Sigmund Freud –, faltou-lhe a precisão de dizer com todas as letras que o timbre “anti-hermenêutico” possui uma estatura particular, não-abrangente. Ou seja, a crítica do autor investe contra uma determinada maneira (metafísica ou exegetica) de pensar a hermenêutica, contra a qual a psicanálise (justificadamente, a bem dizer) se insurge. Aliás, essa é a consequência capital do argumento, a hermenêutica de Gadamer com igual força combateria aquele inimigo teórico da psicanálise, não sendo nada absurda a possibilidade de aludirmos a um (segundo) título para o presente artigo, tão provocativo quanto: “A hermenêutica (de Gadamer) como anti-hermenêutica”. Uma ressonância nada desprezível advém daí, a saber, a compatibilidade da psicanálise com a hermenêutica filosófica gadameriana.

A experiência na prática psicanalítica e o que sustenta a partir dela uma teoria da psicanálise revisitada na sua metapsicologia especulativa estruturante² concerne ao acontecimento hermenêutico vislumbrado pela filosofia de Hans-Georg Gadamer³ com todas as suas reverberações? O presente artigo visa a aprofundar as interfaces mais importantes entre hermenêutica e psicanálise, ao mesmo tempo em que almeja delimitar o alcance dessa

¹ É bem de se dizer que vários artigos dessa coletânea tematizam o problema da hermenêutica e da interpretação no âmbito da psicanálise e dos paradigmas filosóficos predominantes no decorrer da história do pensamento ocidental.

² Perceba-se desde já que a psicanálise é aqui assumida hermeneuticamente como a experiência viva entre a teoria e a práxis. Como refere Renato Mezan, “a psicanálise não é somente um aparelho conceitual”, mas igualmente “uma prática, na qual ocorrem os fenômenos dos quais tenta dar conta a teoria”, sendo que tais fenômenos “se situam no plano singular da terapia – a evolução de um paciente, a interpretação de seus sonhos, de seus sintomas ou das modalidades da sua transferência” (MEZAN, 2002, p. 441-442).

³ A hermenêutica filosófica de Gadamer consiste no ponto de apoio fundamental e prioritário deste trabalho acadêmico, o que não nos impede – desde que a partir dela e de seus pressupostos – de buscar subsídios pertinentes em diferentes manifestações do pensamento filosófico. Deixa-se claro, desde já, que não queremos nem psicanalisar a filosofia hermenêutica, muito menos converter a psicanálise em hermenêutica. Interessante notar que apesar de a psicanálise não se encontrar em continuidade epistemológica com saber algum, ela é incapaz de ignorar a recorrente pergunta pela verdade, claro, formulando-a de outro modo, a verdade do sujeito no lugar do sujeito da verdade (GARCIA-ROZA, 2009, p. 22-23). É nessa diferença “em comum” que podemos prefigurar a possibilidade de pensar a psicanálise com a hermenêutica e, ainda mais a fundo, de concluir que a primeira pode ser pensada e praticada hermeneuticamente nos moldes do pensamento gadameriano.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

reciprocidade, com o objetivo de incluir determinados problemas, contextos e argumentos no horizonte de sua investigação em simultâneo ao ato de descartar outros tantos para o benefício científico de nossa abordagem. Para princípio de arrazoado, convém especificar a conjectura principal da análise a ser procedida, qual seja, a de que os fundamentos teórico-clínicos da psicanálise, uma vez germinados, senão pelo menos assimilados e reapropriados na e pela interpretação analítica, não deixam de concretizar experiências de sentido alcançáveis pela universalidade do acontecimento hermenêutico.

Conforme dito antes, há inúmeras abordagens possíveis, mais ou menos abrangentes, afinadas ao relacionamento entre o discurso psicanalítico e a hermenêutica, algumas delas consagradas na história recente das ciências humanas⁴. Daí se justifica a delimitação objetiva do núcleo temático a ser conjeturado como o fio condutor desse escrito. Com Gadamer vamos recordar da interpretação como um acontecimento humano prévio – por isso existencial – cuja antecedência ontológica revela a condição de possibilidade para toda a gama de manifestações interpretativas comunicadas pela linguagem, embora irreduzíveis ao esclarecimento absoluto capaz de esgotar a hermenêutica como doadora de significados.

Ou seja, a hermenêutica filosófica de Gadamer nos ensina sobre o suporte permanente de um acordo implícito ou latente no compreender, como se fosse um consenso profundo, mesmo onde há mal-entendidos na tarefa interpretativa dos seres humanos. “Mesmo onde tentamos entender-nos a respeito de questões que dividem nossas opiniões, sempre está em jogo esse suporte, mesmo que raramente o saibamos” (2002 (1966), p. 259). Por isso mesmo, a interpretação, assumida sobre os alicerces do círculo hermenêutico, é um existencial antes de poder ser elucidada como um problema essencialmente linguístico⁵, pois resulta caracterizada como elemento constitutivo da historicidade da existência humana a sempre antecipar a nossa abertura para o mundo como condição de possibilidade para experimentarmos qualquer coisa (GADAMER, 2002 (1966), p. 261). Dessa feita, a hermenêutica filosófica revela antes de mais nada a recusa em nos desviarmos ou prescindirmos da interpretação a pretexto de qualquer evidência tida como solar,

⁴ É o caso de Paul Ricoeur, o qual defende a psicanálise como uma ciência interpretativa em seu livro “Da interpretação: ensaio sobre Freud”, de 1965, subordinando-a ao campo do sentido. Muitas de suas elaborações são proficuas para o presente estudo e, vez por outra, utilizaremos o rico acervo argumentativo efetuado pelo pensador acerca das relações entre hermenêutica e psicanálise.

⁵ A suposta radicalidade de Gadamer ao enunciar que todo fenômeno hermenêutico é linguístico merece ser contextualizada (ou suavizada face ao tom crítico de muitos) à luz da hermenêutica filosófica por ele proposta em seus inúmeros escritos, isto porque o termo “linguagem” não equivale apenas ao texto (enunciado expresso por qualquer meio, exemplarmente o escrito), senão como o próprio processo em que o sujeito se constitui em sua existência (ROHDEN, 2003, p. 228-229), incluindo-se o compreender mudo e silencioso, o ato de ficarmos sem fala e, no âmbito terapêutico, todos os comportamentos que, manifestados e implícitos, se interpõem no livre dizer do paciente para atuar na constituição significativa da experiência vivenciada. No mesmo sentido, temos a posição de Jesús Conill Sancho a combater com acerto o juízo de uma panlinguisticidade (apofântica) na hermenêutica filosófica de Gadamer (no entanto, não nos parece que a sua crítica seja uma deficiência, como ele faz supor, da filosofia de Gadamer, mas da posição de seus críticos no tocante ao ponto): “A meu juízo, seria mais adequado reconhecer que aquilo que expressa a universalidade, em vez de ser a “linguisticidade”, resulta na “experencialidade”. O mais radical da razão hermenêutica, mais do que os efeitos da linguagem, se situa no seu caráter de experiência, de que é exemplo como um de seus componentes a “experencialidade” linguística, porém sempre reconhecendo que a vida mesma da linguagem está na experiência viva da existência, a qual não precisa ser necessariamente linguística” (SANCHO, Tecnos, 2006, p. 191, tradução livre).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

mesmo porque é apenas através do acordo latente que aquela se pronuncia como incontroversa (mas nem por isso imune a futuras problematizações de sentido)⁶.

Pensar a psicanálise através da hermenêutica filosófica repercutirá, então, um modo peculiar de refletirmos sobre a matéria-prima de que é investida a atuação clínica do analista e de quem lida com os conceitos fundamentais necessariamente operantes na prática terapêutica: a interpretação. Não se pode negligenciar que há traços comuns importantes entre uma e outra, como o fato de ambas lidarem com pessoas, a circunstância de comungarem de uma epistemologia dialógica, a existência da mesma finalidade ética de amparo ou de cuidado com o propósito de propiciarem o adequado conhecimento e tratamento do que nos faz sofrer⁷. Todavia, tais aproximações tangenciam o problema capital ora em causa, a saber, se a psicanálise passa necessariamente pela denominada experiência hermenêutica fundamental que faz sempre e a cada vez emergir certas manifestações de sentido, cuja exigência de compreensão – aberta, concretizável e projetiva – mostra-se como pressuposto indisfarçável para o bom desenvolvimento da análise e dos processos terapêuticos envolvidos, entendido o êxito aqui menos como cura e mais como cuidado e bem-estar individual.

UMA HERMENÊUTICA, VÁRIAS HERMENÊUTICAS, A ESPECIFICIDADE ANTI-METAFÍSICA DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

A hermenêutica filosófica, longe de manifestar uma ferramenta metafísica⁸ localizada em busca do significado exclusivo para específicas situações nas quais há mal-entendidos ou onde irrompem vários sentidos simultâneos, reivindica de antemão uma fórmula psicanalítica na articulação universal de sua filosofia: as experiências do ser humano, por serem hermenêuticas, nos apoderam de múltiplas formas, inclusive sendo capazes de destronar a orientação familiar elaborada nos arranjos cotidianos a que somos mobilizados por organização simbólica durante a nossa trajetória de vida. Ocorre que Gadamer providencia a primazia da interpretação em nome de duas causas que podem perfeitamente lidar com as categorias usualmente tidas por anti-hermenêuticas no âmbito da psicanálise (o inconsciente, as pulsões, os afetos): o assentamento hermenêutico no

⁶ Por isso discordamos da posição de quem rejeita a tarefa hermenêutica a partir de certos critérios, desconsiderando a interpretação, por exemplo, no instante em que “compreendemos imediatamente o sentido de uma palavra”, como se ali não houvesse um sentido ou significado a ser interpretado pela alegada instantaneidade com que o entendimento (o compreender) veio à tona (LUSTOZA; FREIRE, 2006, p. 14). Ou seja, o acordo latente (interpretativo) de que fala Gadamer é tão atuante, por menos que o reconheçamos, tanto na ocorrência de um mal-entendido quanto na hipótese de um “tudo-entendido”. Que a hermenêutica como ato interpretativo possa ser mais atuante em certos contextos (no caso das autoras, para ilustrar o conceito de símbolo em Paul Ricoeur como conjunto particular de signos com vocação para a multiplicidade dos sentidos) é algo bem diverso – e aceitável – do que assinalar que em algumas situações ela simplesmente deixa de acontecer.

⁷ Registre-se nesse sentido o valioso trabalho de Luiz Rohden acerca dessa comunhão epistemológica entre as duas manifestações (ROHDEN, 2020, p. 1-14).

⁸ A hermenêutica, como filosofia hermenêutica (hermenêutica filosófica) passa a ser considerada um pensamento pós-metafísico, ou, então, uma filosofia metafísica renovada (paradigmaticamente nova) com os traços do segundo caminho de Aristóteles (*Epistémè Zetouménè*), ou seja, da ciência procurada (STEIN, 2017, p. 224-225).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

que é familiar e a mobilização enriquecedora de uma nova ordem ao que resulta instabilizado no universo humano⁹.

O que significa essa fórmula psicanalítica na hermenêutica? Que a filosofia da hermenêutica em Gadamer jamais ambicionou a supremacia absoluta da razão, como se a consciência (entenda-se aqui a compreensão ou o entendimento) fosse provida de controle pleno, senão dominante, sobre os destinos da realidade humana em todos os níveis, desde a subjetividade (o aparato psíquico) à interação social (vínculos mediados pela linguagem). Ao revés, a universalidade do problema hermenêutico, assim nos parece, reconhece que há origens as mais diversas para aquilo que se passa com cada ser humano, porém, em acontecendo efetivamente na vida de cada um, por mais enigmática e desconhecida a sua fonte, sua abordagem somente pode se dar pela concepção de sentido, de investimento hermenêutico. Estamos a falar do círculo interpretativo a girar entre a familiaridade e o sinistro, às voltas com a angústia existencial, o que nos indica que a hermenêutica filosófica não se relaciona apenas sob o modelo epistemológico da interpretação de textos suscetíveis de uma significação lexical, mas com indícios significativos de alguma coisa que nos impele a continuamente interpretar para prosseguirmos vivendo.

O SENTIDO ENTRE A (ENTRA NA) PSICANÁLISE E A (NA) HERMENÊUTICA

A atividade de fazer sentido é o que fermenta essa relação mais frutífera entre psicanálise e hermenêutica. Muitas abordagens supõem, todavia, uma invencível contradição entre ambas, porque a dimensão intrapsíquica da primeira de fato nos apresentaria forças afetivas primitivas condizentes com cenários nos quais o horizonte a ser descortinado é o do não-sentido ou do sem sentido, daquele real não passível de ser simbolizado. Entretanto, essa notável diferença antitética seria mais bem compreendida se fosse interpretada como uma espécie de descontinuidade viva a pulsar sob o registro da interpretação (ou do sentido). De acordo com Luís Cláudio Figueiredo, o processo criativo de ir (e continuar) fazendo sentido inclui o que há de mais passional na experiência humana em direção à sua articulação e estruturação simbólica, a incluir por certo a incidência incontável da falta de sentido em nossas vidas, sendo que o não-sentido não deixa de se situar, dinamicamente falando durante a existência das pessoas, “no âmago, nas franjas e dobras do fazer sentido” (2012, p. 116).

Gadamer e a sua hermenêutica filosófica endossam a revolução heideggeriana da analítica existencial¹⁰, caracterizada pelo modo singular e alternativo de explicar, para além de uma

⁹ Para o autor, a experiência hermenêutica acontece sempre no rastro do familiar, em “um mundo já interpretado, um mundo já ordenado em suas relações, no qual a experiência entra como um elemento novo, que destrona o que guiava nossas expectativas, colocando uma nova ordem ao que é destronado”; é nessa base de acordo ou naquilo que é familiar que se permite, em Gadamer, “o trânsito para o estranho, a assunção do que vem deste, e com isso a ampliação e enriquecimento de nossa própria experiência de mundo” (GADAMER, 2002 (1966), p. 268).

¹⁰ Não à toa, segundo Alice Holzhey-Kunz, o filósofo Ernst Tugendhat afirma existir certo parentesco entre Freud e a hermenêutica de Heidegger, a ponto de considerar a obra “Ser e Tempo” como uma espécie de psicanálise (2018, p. 15). O desenvolvimento da filosofia heideggeriana, a partir da analítica existencial, redundou na elaboração da “Daseinsanálise”, germinada nos encontros entre o filósofo da Floresta Negra e o psiquiatra Medard Boss nas décadas

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

causalidade objetiva e natural atestada pelo conhecimento científico, aquilo que se passa nos problemas do psiquismo e nos variados tipos de sofrimento e de vivência experimentados pelo homem. O ser humano passa a ser concebido como “uma história que se articula no acontecer da temporalidade”, algo como “um acontecer que constitui o mundo, no qual o ser-aí está situado e a partir do qual ele compreende a sua situação” (STEIN, 2005, p. 81), sintonizando por dentro desse novo paradigma a psicanálise, os seus conceitos e a sua clínica¹¹. A especificidade da hermenêutica filosófica para a analítica existencial concerne a um passo adicional à ontologia da compreensão – o de uma reflexão hermenêutica para pontuar a interpretação em face de problemas práticos – não efetuado por Heidegger¹², cujo silêncio nem de longe pode ser interpretado como uma recusa a inviabilizar em definitivo dito prolongamento¹³.

As repercussões – dignas de uma reviravolta paradigmática – da analítica existencial para a filosofia, em específico para a fenomenologia (OLIVEIRA, 2019, p. 135), acarretaram consequências igualmente bastante profundas para as ciências da psicologia humana (psicanálise, psiquiatria e psicoterapias em geral). Heidegger, ao elaborar o projeto de sua hermenêutica da facticidade cujo apogeu redundava em “Ser e Tempo”, formula para o ser-aí humano a necessidade de sentido dirigida para o mundo como desdobramento diretamente proporcional de sua negatividade estrutural, característica da indeterminação ontológica originária que lhe é peculiar. Então, o Dasein se posicionará nesse dilema inexorável do primeiro ao último de seus dias: entre essa absorção imediata no mundo, onde vai se familiarizando em certos horizontes hermenêuticos mais ou menos sedimentados para neles poder se converter diferentemente em específicos modos de ser, e os riscos incessantes de crises singulares advindas da quebra de sintonia no horizonte de sua conformação existencial. Isso tudo em meio à abertura simultânea da possibilidade de reinterpretar nos projetos cotidianos constitutivos de sua vida (CASANOVA, 2013, pp. 34-35).

de 1950 e 1960 (HEIDEGGER, 2017). Vale a pena lembrar o contato de Ernildo Stein com Heidegger em 1965, testemunho contemporâneo ao alcance daquela valorizada jornada de filosofia entre os especialistas da saúde: “pude observar que esse trabalho, que o filósofo realizava duas a três vezes por semana em *Zollikon*, lhe era muito importante e representava a janela que se abria das concepções de *Ser e Tempo* para os campos da Psiquiatria, da Psicanálise e da Psicologia”, sendo “o próprio filósofo quem tinha um interesse em observar as possíveis aplicações de seu pensamento no campo das diversas teorias e práticas terapêuticas” (2012, p. 13).

¹¹ A clínica vem entendida aqui como a articulação prática entre o psicodiagnóstico e a psicoterapia na realidade viva do consultório a partir da singularidade de cada situação experimentada na análise pelo analista e pelo analisante, com todos os seus desafios, riscos, potencialidades e frustrações (aliás aderentes a isto o que denominamos vida de cada um). Sobre o imperialismo do jargão psicanalítico e dos efeitos nefastos de certa tendência para lidar exclusivamente com a ideia de doença e de anormalidade a ser tratada por quem sofre no lado do divã, convertendo o atendimento clínico em um inevitável tratamento psicopatológico: AUGRAS, 2013. Vale referir um dos seus principais argumentos, qual seja, pensar o psicodiagnóstico sem a psicoterapia, pois aquele “não implica necessariamente qualquer espécie de intervenção, nem encaminhamento para algum tipo de tratamento” (2013, p. 10). Cabe indicar analogamente para o acesso hermenêutico da psicanálise formulado por Alice Holzhey-Kunz (depois consolidado no programa da Daseinsanálise), em defesa da suposição de “um sentido velado no sofrimento psíquico, ao invés de equipará-lo a uma doença a ser curada ou a um déficit a ser tratado, contra o qual seria preciso inserir técnicas as mais eficientes possíveis” (2018, p. 15).

¹² Pelo menos em sua filosofia elaborada conceitualmente, porque nos Seminários de *Zollikon*, por exemplo, o filósofo nos acena algumas vezes com interpretações dirigidas a casos práticos na clínica.

¹³ Paul Ricoeur (1988, p. 8-13) celebra explicitamente referido trânsito com proveitos importantes, ao nosso ver, para a hermenêutica filosófica de Gadamer. Para ele, a analítica do ser-aí (Dasein) cuja ontologia da facticidade indaga pelo ser marcado pela compreensão não nos impõe a uma escolha exclusiva em detrimento ou em substituição a uma epistemologia da interpretação. Ao contrário, esta última resulta reivindicada pela primeira. A hermenêutica fundamental de Heidegger, prossegue Ricoeur, não se destina a intencionalmente resolver os problemas derivados do conflito de interpretações rivais, mas a tão-somente dissolvê-los; nada obstante, a tarefa de mostrar em que sentido a compreensão histórica é oriunda dessa compreensão originária fundamental é assumida como possibilidade e como exigência pela via longa da linguagem e da reflexão. Eis o enxerto da hermenêutica na fenomenologia.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

Ao indicar a origem da crise no cenário da relação de sentido entre o ser-aí humano e o mundo, com o intuito de descrever o processo de transparência hermenêutica responsável por sintonizar a escala de ressignificação do Dasein rumo ao poder-ser que ele é, ao mesmo tempo em que se problematizam as sedimentações interpretativas estagnadoras eventualmente vigentes no mundo, a analítica existencial heideggeriana traz à tona encaminhamentos “para a construção de tipologias psicológicas relativas a transtornos existenciais”, ou seja, possibilita um repertório filosófico a fomentar “uma psicologia com bases ontológico-existenciais”(CASANOVA, 2013, p. 35). Eis então o surgimento ao longo do século vinte de um conjunto heterogêneo de possibilidades de intervenção terapêutica com fundamento na analítica existencial de Heidegger e de suas influências derivadas ou mesmo críticas, mobilizadoras de diferentes concepções filosóficas, sejam elas novas (o existencialismo), ou antecedentes (a fenomenologia)¹⁴.

**A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA CONTEXTUALIZADA
HERMENEUTICAMENTE**

A hermenêutica aqui em debate nos vínculos com a psicanálise é a filosófica, de estirpe gadameriana, com proveito eventual de argumentos provenientes de outros autores, contanto que pertinentes e compatíveis com a trajetória do trabalho insculpido a partir de “Verdade e Método”. É verdade, por outro lado, que a hermenêutica filosófica de Gadamer não se apresenta desacompanhada de fundamentos hauridos de abordagens e pensadores distintos que a

¹⁴ Para um exame mais detido desses modelos terapêuticos, os quais podem ser classificados panoramicamente em dois grupos diferentes, a psicoterapia existencial e a psicoterapia experiencial, consulte-se: CARVALHO TEIXEIRA, 2006, pp. 289-309. A propósito, é importante não confundirmos nesses desdobramentos terapêuticos a Daseinsanálise (ou Daseinsanalyse) com a análise existencial (ou Existenzanalyse, chamada também de logoterapia), algo que infelizmente acabou acontecendo por problemas de tradução entre línguas distintas. Vejamos importante esclarecimento sobre isto, proveniente de um dos eminentes autores da análise existencial, para evitar incompreensões persistentes: “a *Daseinsanalyse* (...) coloca a ênfase no esclarecimento existencial no sentido de um esclarecimento do ser, ao passo que a *Existenzanalyse*, para além do esclarecimento do ser, tenta avançar para um esclarecimento do sentido, de modo que a ênfase do esclarecimento se desloca do esclarecimento das realidades do ser em direção ao esclarecimento das possibilidades do sentido. Será por isso que a *Existenzanalyse* vai além de qualquer mera análise e constitui uma terapia, e precisamente uma logoterapia, sendo diferente da *Daseinsanalyse* que (...) não representa em si e enquanto tal uma (psico)terapia no sentido próprio do termo. Com efeito, “*logos*” significa principalmente o sentido, e “logoterapia”, uma psicoterapia orientada no sentido – e que reorienta o paciente a partir do sentido” (FRANKL, 2019, p. 71). Outra explicação importante é a de Alice Holzhey-Kunz, a qual toma a confusão entre os dois termos, de tomar a Daseinsanálise por análise existencial (Existenzanalyse), como uma “anedota” em seu equívoco de origem: “Em 1958 surgiu no mercado a coletânea de textos editada por Rollo May, Ernest Angel e Henri Ellenberg, que continha escritos importantes daseinsanalíticos de Binswanger (...). Nessa coletânea, então, até mesmo o termo heideggeriano ser-aí (Dasein) foi traduzido por “existência”. O Reader foi dedicado a Ludwig Binswanger (ao lado de Eugen Minkowski) como “explorer in Existential Analysis”. Esta tradução arbitrária de “ser-aí” (Dasein) por “existência” só foi possível, porque a obra de Heidegger *Ser e tempo* não existia naquela época em inglês (...). Foi apenas em 1962 (...) que ficou claro que o termo (...) tinha que ser transposto para o inglês como um conceito não traduzível. A questão, contudo, é que neste momento a expressão “Existential Analysis” já tinha se inserido como tradução de “daseinsanálise”, pois o livro “Existence” teve um efeito enorme no espaço da língua inglesa. (...) Em seu berço se encontrava, portanto, ainda que sob o título “Existential Analysis”, que induzia completamente em erro, a daseinsanálise de Binswanger. A partir daí, então, também se torna compreensível por que a daseinsanálise é atribuída até hoje na Inglaterra e na América a esse movimento” (2018, p. 13-14).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**

REIS, Mauricio Martins

antecederam e com ela conviveram desde o seu nascimento, tampouco ela, já autonomizada, preserva-se incomunicável e isolada de concepções diferentes, mais ou menos similares à sua proposta teórica. Isso significa que o delineamento de limites necessita ser efetuado com o objetivo de estabelecer com transparência os perseguidos confins de nossa jornada, de modo a evitar as desnecessárias – embora plausíveis – terminações colaterais de que a filosofia padece quando do exercício da reflexão sobre assuntos com ampla envergadura especulativa.

A hermenêutica filosófica, exatamente por descender da analítica existencial de Heidegger, com ela não se confunde na especificidade de sua proposta. O mesmo vale, na escala ascendente, para concluir que a influência de Husserl na filosofia do autor de “Ser e Tempo” não promove a equivalência ou superposição dos respectivos programas de pensamento. Se existe uma fenomenologia a unificar Husserl e Heidegger, e uma hermenêutica para convergir este com Gadamer, estamos a retratar metaforicamente plataformas comuns que situam cada qual em determinada, distinta e inconfundível marca filosófica com o seu correspondente sistema de pensamento e, para além disso, com a sua aderência ao discurso psicanalítico¹⁵.

A polêmica entre Gadamer e Habermas em consideração à universalidade da hermenêutica tem como uma de suas pedras de toque, como se sabe, a validade da aplicação da compreensão hermenêutica nos quadros da psicanálise. O sujeito em análise, ao produzir linguisticamente as suas manifestações vitais, “não reconhece suas próprias intenções”, sendo que estamos diante de “uma comunicação sistematicamente distorcida”, porquanto a compreensão ali só opera “na medida em que são descobertas as condições gerais da patologia da comunicação em linguagem corrente” (HABERMAS, 1987, p. 39). Habermas examina, então, como a psicanálise se subtrai efetivamente do domínio da consciência hermenêutica, cujo limite abrange a competência natural da comunicação em linguagem corrente (1987, pp. 40-42): isso ocorre seja ao apontarmos para perturbações linguísticas claramente patológicas nas quais a incompreensibilidade é deixada de fora (numa inequívoca ressalva à universalidade, tornada parcial em vista do que é deixado de fora), seja ao colocarmos em risco a própria autocompreensão da hermenêutica em contextos onde os exemplos patologicamente distorcidos de comunicação retornam imperceptíveis ao discurso dito normal (numa explícita fragilidade no interior daquela universalidade, tornada inefetiva por conta daquilo que de dentro parece não subsistir).

Habermas postula então uma “hermenêutica de profundidade” capaz de esclarecer a incompreensibilidade típica da comunicação sistematicamente distorcida, algo inalcançável pela via do modelo da tradução característica da “simples compreensão hermenêutica” nos moldes de Gadamer (HABERMAS, 1987, p. 56)¹⁶. Ou seja, a concepção hermenêutica não disporia de nenhum recurso para perceber o envolvimento das tradições com formas de dominação que produzem assimetrias ou barreiras em possíveis modos de diálogo. Trata-se de objetar à universalidade da hermenêutica gadameriana a sua impossibilidade de dispor de algum critério geral informador de quando alguém estaria efetivamente preso na consciência falsa de um acordo ou entendimento aparentemente normal. A existência desse critério revelaria imediatamente o limite intransponível confessado pela própria hermenêutica filosófica no seu pressuposto básico de que estamos imersos na linguagem na condição de interessados e de parceiros refletidos. Noutras

¹⁵ Carlos Morujão, por exemplo, defende que a psicanálise e a psiquiatria, dentre as aspirações fenomenológicas em comento, somente podem se beneficiar com bom proveito do contato filosófico com a fenomenologia praticada por Husserl, cujo tratamento impediria aquelas de se “querer perder numa deriva existencial, completada por algumas vagas reflexões de carácter antropológico” (2015, p. 162). Nossa discordância não está na viabilidade argumentativa dessa tese, mas na aspiração da alegada exclusividade em prejuízo das filosofias de Heidegger e Gadamer.

¹⁶ Habermas admite estar de acordo com Gadamer quanto ao acordo latente que subjaz a todo mal-entendido, porém diverge dele a respeito de como deve ser determinado referido consenso prévio fundamental (1987, p. 61).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

palavras, a descoberta ou a revelação de mal-entendidos gerados sistematicamente estaria fundamentada em critérios cuja objetividade e qualidade crítica evidentemente teria de ultrapassar o pertencimento hermenêutico da experiência no interior da linguagem ordinária¹⁷.

Ocorre, todavia, que o alegado papel “meta-hermenêutico”¹⁸ da psicanálise a funcionar como um argumento contestador da pretensão de universalidade da hermenêutica filosófica de Gadamer, sugerindo-se uma alternativa crítica transcendente nos marcos da teoria da competência comunicativa habermasiana¹⁹, não se mostra irrecusável em absoluto. Isto quer dizer que a hermenêutica, em primeiro lugar, já se anuncia como crítica no gesto simultâneo de indicar a correspondente universalidade, pois a consciência hermenêutica “tem sua verdadeira força de atuação no fato de deixar e fazer ver onde está a questão” (GADAMER, 2002 (1966), p. 265)²⁰. Em outras palavras, a crítica de Habermas não leva Gadamer a um beco sem saída; no mínimo, se o contraponto hermenêutico for tido como um fracasso para incorporar uma crítica no interior da universalidade pretendida²¹, ele consegue pelo menos devolver em igual medida a escala da aporia para o seu interlocutor, o de saber como o ideal de uma comunicação sem limite e sem coação é articulado para fora da história do compreender no horizonte da tradição²².

Estamos a falar, portanto, de uma quase ou parcial objetivação do discurso filosófico por causa da indisponível conexão entre a crítica e a eficácia histórica do acontecer compreensivo, seja o saber crítico estabelecido pela autonomia da hermenêutica profunda com raízes na teoria do agir comunicativo, seja ele imantado na força insuprimível da experiência em cada sucessiva

¹⁷ “A experiência hermenêutica do limite consiste, portanto, em que nós descubramos ou revelemos *como tais* os mal-entendidos gerados sistematicamente – *sem antes* “concebê-los ou compreendê-los”” (*Idem*, p. 42, grifo nosso). O desajuste em causa é bem resumido da seguinte maneira por Ricoeur: “onde Gadamer funda a tarefa hermenêutica sobre uma ontologia do “diálogo que somos nós”, Habermas invoca o *ideal regulador* de uma comunicação sem limite e sem coação que, longe de nos preceder, dirige-nos a partir do futuro” (RICOEUR, 1990, p. 119).

¹⁸ Habermas se utiliza da segunda tópica freudiana (as três categorias de Ego, id e superego) para ilustrar – através da metapsicologia na psicanálise – o sentido específico da comunicação sistematicamente distorcida que somente pode ser examinada criticamente pela via de uma teoria meta-hermenêutica, no caso, a direcionar para o quadro geral dos desvios da competência comunicativa, a partir do qual o médico e o paciente colocam em marcha um processo dialógico de esclarecimento conducente à autorreflexão do analisante (HABERMAS, p. 58).

¹⁹ Note-se que Habermas igualmente contesta, em paralelo ao problema da universalidade da hermenêutica, as limitações da autocompreensão na psicanálise: “A metapsicologia de Freud teria de ser libertada de sua equivocada autocompreensão cientificista, antes de poder tornar-se fecunda como parte de uma meta-hermenêutica. Afirimo, porém, que toda interpretação hermenêutica profunda de uma comunicação sistematicamente distorcida (...) precisa pressupor implicitamente aquelas hipóteses teóricas exigentes que só podem ser desenvolvidas e fundamentadas no quadro de *uma teoria da competência comunicativa*” (1987, p. 59).

²⁰ A questão, no caso, de remeter à necessidade da crítica e, em geral, de integrar a experiência da ciência em nossa experiência universal e humana de vida.

²¹ “A reflexão de uma determinada compreensão prévia coloca diante de mim algo que antes se dava às minhas costas. Algo, não tudo. Pois a consciência histórico-efetual é insuperavelmente mais ser que consciência. Mas isso não significa que possa prescindir de uma constante conscientização sobre o perigo do enrijecimento ideológico. É só com essa reflexão que posso superar a falta de liberdade que me prendia a mim mesmo e posso sentir-me livre diante do direito ou não de minha compreensão prévia – mesmo que seja apenas no modo em que aprendo a alcançar uma nova compreensão de coisas que eu via guiado por preconceitos. Mas isso implica que os preconceitos que guiavam minha compreensão prévia sempre estão em jogo também – até serem abandonados, o que pode significar, também, até serem reformulados. A força incansável da experiência consiste em formar sempre uma nova compreensão prévia em toda instrução” (GADAMER, 2002 (1967), p. 288).

²² Habermas, neste passo, incidiria também no mesmo dogmatismo criticado por ele em Gadamer, apenas em sentido contrário, ao cogitar que a autoridade estaria sempre equivocada e ao defender um falso poder generalizado à reflexão emancipadora, cuja imagem de orientação ostentaria um exagero em nome de uma utopia anarquista sempre pronta a desbançar a autoridade da tradição (GADAMER, 2002 (1967), p. 292; SCHMIDT, 2012, pp. 206-207).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

compreensão prévia²³. Conforme diz Ricoeur, essa quase objetivação resulta aplicada nas ciências sociais críticas cujo modelo é a psicanálise, consistindo em qualificar os sentidos tomados por estranhos nas formações culturais “como sintomas de relações *reais*, de estruturas *materiais* pertencentes a uma outra dimensão que a da linguagem”²⁴. Em frontal posicionamento de convergência, Gadamer não recua perante a psicanálise, ao dizer que os motivos inconscientes não representam um limite para a hermenêutica em virtude da possível integração daqueles numa história que pode ser narrada e da qual, no bojo da realidade social mediada por acordos latentes na e pela linguagem, a relação entre o psicanalista e seus pacientes não consegue escapar²⁵. O filósofo assente com todas as letras ter sido Freud quem fez conhecer as elogiáveis descobertas científicas que levaram a sério o questionamento da fundamentação da verdade com esteio na certeza da transparência esclarecida oferecida pelo poder do consciente (GADAMER, 2002 (1984), p. 391).

Nesse sentido, a advertência de Paul Ricoeur para recomendar cautela ao modelo do discurso psicanalítico no âmbito da crítica da universalidade da hermenêutica procedida por Habermas merece ser lembrada, em especial quando passa a conferir aos analistas (e médicos) “um papel exorbitante de especialistas subtraídos ao controle da comunicação social”²⁶. Com Gadamer, o filósofo francês nos lembra que a autêntica situação hermenêutica decorre de um vínculo entre parceiros sociais irreduzível à relação entre paciente e médico, de modo que os dois jogos de linguagem – o da reflexão hermenêutica e o da reflexão psicanalítica – não podem ser misturados²⁷, apesar de sua inegável continuidade²⁸. Não nos parece, contudo, que a corretiva ricoeuriana para a réplica de Gadamer às ressalvas provenientes da teoria de Habermas, ao exigir um procedimento explicativo capaz de redundar dialeticamente numa compreensão aperfeiçoada complementar, esta sim condizente com a atitude crítica (inalcançável pela compreensão hermenêutica inicial)²⁹, ofereça

²³ Na queda de braço entre a hermenêutica e a crítica das ideologias para fins de perspectivar sem dogmatismos essa quase objetivação crítica, Paul Ricoeur prefere a primeira: “a valorização da reflexão, sempre atrás de relações substantivas para dissolver e afastada de toda tradicionalidade, merece bem mais a acusação de idealismo do que a afirmação da arbitragem universal da compreensão linguageira” (RICOEUR, 2011, p. 124). O autor enfatiza a existência da instância crítica na hermenêutica através da reinterpretação do reconhecimento da autoridade no interior da tradição, cujo desempenho, diferentemente do alegado por Habermas para as ciências sociais críticas, somente se desenvolve “como um momento subordinado à consciência de finitude e de dependência no que concerne às figuras da pré-compreensão que sempre precede e engloba a instância crítica” (RICOEUR, 1990, p. 124).

²⁴ RICOEUR, 1990, p. 117.

²⁵ “Qual a relação existente entre o saber do psicanalista e sua postura dentro da realidade social a que pertence? O fato de questionar além das interpretações superficiais, de desbaratar autoconcepções mascaradas, de desmascarar a função repressiva de tabus sociais, isso tudo pertence à reflexão emancipatória que ele aplica a seus pacientes. Mas se ele aplica essa reflexão onde não está legitimado como médico, onde ele próprio é um comparsa no jogo da sociedade, estará se colocando fora de sua função social. Quem “põe a descoberto” sua comparsa de jogo, à luz de algo que se situa fora do jogo, isto é, que não leva a sério o que estão jogando, é um perdedor que se deve evitar. A força emancipatória da reflexão reivindicada pelo psicanalista deve encontrar seu limite na consciência social, na qual tanto o analista quanto seu paciente se entendem com todos os outros. A reflexão hermenêutica ensina-nos que, em todas as tensões e perturbações, a comunidade social remete-nos sempre de novo a um acordo social, em virtude do qual ela subsiste” (GADAMER, 2002 (1967), p. 291).

²⁶ RICOEUR, 2011, p. 124.

²⁷ RICOEUR, 2011, p. 125.

²⁸ O diálogo genuíno e profícuo entre médico e paciente somente será de fato alcançado, segundo Gadamer, “quando ele se tornar quase igual ao que nós, no mais, também conhecemos na vida em comum com outras pessoas, a saber, quando se envolva num diálogo, o qual, na verdade, não é conduzido por ninguém, mas que conduz todos nós” (2006, p. 142).

²⁹ Para o autor, a hermenêutica apenas preservará sua credibilidade se ela superar o anúncio “quase encantatório” de sua universalidade (RICOEUR, 2011, p. 125), tarefa a que ele se propôs a realizar por intermédio do estabelecimento

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

mais ou melhor em substância³⁰ ao que já se encontra no arcabouço original da hermenêutica filosófica em “Verdade e Método” e seus desdobramentos seminais.

SENTIDO (SUBSTANTIVO) E SENTIDO (PARTICÍPIO): A INTERPRETAÇÃO EM GADAMER COMO ABERTURA À PSICANÁLISE

Depreende-se, então, a primazia de uma abordagem epistemológica nos contornos desse artigo – vale dizer, orientada para perguntas do tipo “o que, como e a partir do que interpretamos” em direção ao horizonte do tempo histórico que existencialmente nos impele a viver às custas de sucessivos projetos de sentido – em torno das relações entre hermenêutica e psicanálise, algo como uma hermenêutica na psicanálise ou a psicanálise tematizada hermenêuticamente, para somente então esboçar, se assim for o caso, o proveito terapêutico de uma prática clínica eventualmente beneficiada com aquela intersecção. Conforme dito anteriormente, mais do que explorar algumas similaridades entre uma e outra, por mais relevantes que sejam³¹, almeja-se perscrutar como o manejo conceitual e prático da psicanálise incorpora (ou não deixaria de recrutar) o modo de refletir da hermenêutica filosófica. Não se trata de defender em abstrato a psicanálise como uma teoria do sentido, controvérsia existente na história recente das ciências humanas e cujo debate traduz nexos apropriados para o estudo, senão de defender a possibilidade de a psicanálise poder ser substancialmente integrada à compreensão hermenêutica em torno de interpretações tributárias de uma particular teoria do sentido, aquela proveniente da filosofia de Gadamer³².

A teoria do sentido em Gadamer assenta-se na experiência hermenêutica do acontecimento histórico na instantânea interação humana com a linguagem, não podendo ela por isso ser confundida com a hermenêutica tradicional a se reduzir numa exegese bem comportada de textos

de “uma ligação dialética estreita entre o “pertencimento” que incorpora o intérprete a seu domínio de investigação e o “distanciamento” que torna possíveis os procedimentos de explicação e em geral a atitude crítica diante de todo conteúdo transmitido” (2011, p. 126).

³⁰ Mesmo porque em Paul Ricoeur, diferentemente do modelo crítico habermasiano, o suporte epistemológico de explicação para fins de oferecimento do empreendimento crítico, assim nos parece, está co-implicado na própria dimensão hermenêutica da experiência histórica do compreender, o que não deixa de ser uma vantagem comparativa a aproximá-lo de Gadamer, nada obstante a distinta elaboração em argumentos (2011, p. 130-131).

³¹ É o caso, repita-se, da abordagem de Luiz Rohden, ao analisar em texto a dimensão terapêutica de ambas sob a vertente da hermenêutica filosófica (2020, p. 12).

³² De acordo com Zeljko Loparic, as interpretações filosóficas da psicanálise, especialmente as de caráter crítico, não levam necessariamente a um destino teórico, em específico “à hermenêutica de Ricoeur ou à de Gadamer” (2005, p. 263), contestadas por ele em nome da alternativa existencial-ontológica, projetada por Heidegger e exemplificada, de maneira não intencional, por Winnicott (esta última tampouco privilegiada pelo autor como compulsória, senão preferível argumentativamente entre aquelas disponíveis). No nosso caso, a abordagem hermenêutica oferecida pela filosofia de Gadamer para a psicanálise nem quer ambicionar a posição de inelutável ou mesmo exclusiva, tampouco a de mais adequada entre aquelas existentes, mas apenas postular o lugar de uma possibilidade bem amparada a partir dos seus fundamentos teóricos e dos respectivos desenvolvimentos para a reflexão em benefício da teoria e da prática psicanalítica.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

ou numa filologia com significações esclarecidas³³. A hermenêutica defendida a partir da facticidade histórica, por manifestar-se existencialmente sem se confundir com a linguagem de que é revestida por múltiplos meios, coincide com todas as idiosincrasias causais de que o sentido – velado, revelado ou reprimido – é proveniente na realidade das pessoas. A universalidade do compreender hermenêutico, portanto, abrange inclusive o sentido buscado pela interpretação psicanalítica, a qual tem por imperativo a deformação ou o truncamento das significações a partir do aparato objetivado³⁴ das instâncias subjetivas (psíquicas) responsáveis pela construção do sistema simbólico.

É como se houvesse antes de mais nada uma incompatibilidade irreconciliável entre psicanálise e filosofia, por força da antinomia das correspondentes molas propulsoras, respectivamente o inconsciente e a razão. Mas a psicanálise, através da pena de seu fundador, jamais contestou por completo a reflexão filosófica em torno dos fundamentos psicanalíticos, porquanto

³³ A crítica procedida por Bento Prado Jr. da maneira como Habermas concebe a psicanálise merece destaque em nosso estudo, pois ela possui como pano de fundo a neutralização do inconsciente pela lógica racionalizante da filosofia, podendo ser utilizada para pensarmos analogamente o desafio da concepção hermenêutica no mesmo terreno da interpretação freudiana para o problema do sentido. De qualquer modo, infere-se dos seus argumentos uma reprimenda indevida e generalizada segundo a qual a filosofia, mesmo calibrada na finitude do devir histórico, que articula o sentido pela reflexão é necessariamente uma representante da psicologia do eu e, portanto, avessa aos postulados da psicanálise (2005, p. 13-31).

³⁴ O aparato objetivado das entidades metapsicológicas traduzidas em conceitos fundamentais pela psicanálise de Freud, a começar pelo próprio aparelho psíquico, é mais um trabalho de especulação explicativa do que de descrição empírica acerca da realidade humana. O emprego de termos energéticos pela metodologia freudiana deve ser interpretado “como modelos para a descoberta e organização do material clínico”, isto é, como imagens ou convenções para favorecer o desenvolvimento da sua pesquisa, fazendo parte “não da fundação ou infra-estrutura, e sim da supra-estrutura da sua teoria”, motivo pelo qual tais conceitos “podem ser descartados desde que achemos outros melhores que façam o mesmo serviço” (LOPARIC, 1991, p. 50). Nesse aspecto, conclui Loparic, que o trabalho investigativo de Paul Ricoeur sobre a psicanálise criou falsos problemas para a compreensão dela ao supor erroneamente que Freud, onde em realidade estava especulando com a metapsicologia, elaborava uma empresa teórica essencialmente descritiva dos fatos psíquicos, para a qual postulava em solução uma teoria ou estrutura de sentido correspondente. Assim se mostra o argumento de um modo mais objetivo: “Segundo Freud, a prova da existência do inconsciente dinâmico reside na possibilidade de fornecer explicações dinâmicas (causais) da existência dos sintomas. Isso não é uma prova da verdade objetiva da tese do inconsciente dinâmico e sim da sua utilidade heurística e explicativa *dentro do quadro metodológico preferido por Freud*. Essa preferência se deve à sua filiação a uma tradição filosófica e não à evidência dos fatos” (1991, p. 52). Noutro artigo, Loparic comenta mais detidamente o ponto: “Não há dúvida que Freud estava comprometido com a busca da verdade objetiva. Mas existem fortes evidências de que ele não concebia as suas versões do aparelho como verdades explicativas e sim como, no máximo, construtos ou convenções heurísticas. A teoria freudiana tem, de fato, o estatuto de uma metáfora, de mito construído de acordo com o princípio de determinismo universal, que serve para *apenas* visualizar para deste modo conectar e ordenar os dados clínicos” (1998, p. 37-38). Nesses termos, o inconsciente pode ser classificado como uma invenção, vale dizer, como uma categoria interpretativa para impulsionar o conjunto de explicações sobre o funcionamento da mente humana a partir da experiência clínica. Como vimos, não se trata de uma elaboração descritiva de uma evidência assimilada empiricamente, mas tampouco consiste numa ficção arbitrária, sendo, então, um mecanismo interpretativo para fazer sentido à engrenagem abrangente da psicanálise, algo como um motor de especulação. Assim, exatamente por situar a metapsicologia nessa chave hermenêutico-especulativa, típica de toda e qualquer filosofia a ambicionar explicações sobre a realidade humana, é que os conceitos da psicanálise não podem ser desvalorizados com exclusividade a ponto de se vislumbrar uma alternativa de abordagem imune àquele domínio de natureza universal no seio das ciências humanas. A relação entre psicanálise e hermenêutica, então, não pode se revelar numa antinomia com lastro em pretensões metafísicas, mas numa continuidade viva animada pelo que há de comum no projeto filosófico das reflexões em geral, o fazer sentido mediante conceitos e argumentos congruentes com a abertura dos acontecimentos históricos e da experiência incessante do ser proveniente do tempo.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

a filosofia nem sempre se encontra presa “às garras do demônio filosófico”³⁵, ou seja, da denominada tentação da consciência para se desembaraçar do inconsciente (ASSOUN, 1978, pp. 35-36)³⁶. Convém, aliás, recordar que Freud jamais almejou uma subordinação completa da filosofia à psicanálise, tendo ele reconhecido, é legítimo inferir assim, a existência de um espaço próprio da filosofia para colaborar criticamente com as descobertas psicanalíticas fundamentais para o seu respaldo científico (LOPARIC, 1991, p. 46).

A descoberta freudiana do inconsciente reverbera uma diferença que precisa ser bem estabelecida para depois resultar assimilada aos propósitos dessa investigação. Para ser conhecido e concebido como tal, o inconsciente carece de uma tradução significativa pela linguagem para veicular sentido no âmbito da nossa experiência assimilável conscientemente e, por conseguinte, suscetível de sedimentações interpretativas (LOPARIC, 1991, p. 47). Noutra vertente, apesar de concebível pela consciência humana, o inconsciente não se esgota aí, sendo ele permanentemente ressentido com as influências próprias sobre a vida das pessoas, cujo ímpeto de força, para além de uma atuação via geral incompreensível, se encontra à revelia do nosso domínio (LOPARIC, 1991, p. 48).

Importante é então assinalar o quanto a compreensão hermenêutica, articulada na psicanálise, não se basta em trazer para a consciência o entendimento acerca dos mecanismos atuantes no indivíduo, na medida em que falta aí o elemento terapêutico de um fazer-se cuidar vital que não se deixa reduzir ao conhecimento das causas, dos sintomas e das estruturas incidentes durante o tratamento do paciente. O objetivo da análise, então, é mais complexo e profundo – e não menos hermenêutico por isso – do que apenas promover a tomada de consciência sobre padrões de comportamento e de assujeitamento psíquico de origem inconsciente, promovendo o que se poderia chamar de “ego observador” no analisante (FINK, 2017, p. 138). Apesar de contribuir em alguns casos clínicos, a condução ao estado de “ego observador” pode ser problemática em certas estruturas, como a neurose³⁷, por exemplo, hipótese em que o sucesso da compreensão paradoxalmente escancara a inocuidade do efeito terapêutico. Isto quer dizer que quando sabemos o que se passa conosco na mesma medida em que se reconhece a nossa

³⁵ Freud dirige a Ludwig Binswanger em correspondência datada de 21 de agosto de 1917 a sua reserva para com o tratamento do inconsciente pela filosofia: “O que você vai fazer sem o inconsciente? Ou antes, como vai se sair sem o inconsciente? Afinal, estaria preso às garras do demônio filosófico? Tranquilize-me” (ASSOUN, 1978, p. 35). Quarenta anos mais tarde, Binswanger pondera, a partir daquela pergunta de Freud, que a sua filiação à analítica existencial de Heidegger, partindo-se do *Dasein* como ser-no-mundo, o remete a descartar a hipótese do inconsciente psíquico e a correlata oposição entre consciente e inconsciente (DASTUR; CABESTAN, 2015, p. 206). Percebe-se a linha tortuosa, mas não menos significativa, entre descartar o inconsciente como inexistente e interpretá-lo em proveito de outras categorias assimiláveis pela abordagem filosófica de que se cuida, no caso, os diversos modos e estruturas fenomenológicas reveláveis do ser-no-mundo.

³⁶ O autor destaca o apreço de Freud por Israel Levine ao considerá-lo uma “ave rara” da filosofia a compreender adequadamente os conceitos da psicanálise sem promover nenhuma sorte de negligência teórica ou arbítrio interpretativo, o que aos seus olhos não deixou de ser uma exceção a confirmar a regra da ressalva que tinha quanto aos filósofos em geral.

³⁷ A neurose, aliás, é exemplo privilegiado de como a hermenêutica na psicanálise não se deixa levar apenas pela compreensão interpretativa daquilo que está a ocorrer, uma vez que o neurótico “sempre vem para a análise com todo tipo de entendimento da sua situação – entendimentos que bloqueiam sua capacidade de ver o que está contribuindo para a situação e qual sua real participação nisso” (FINK, 2017, pp. 140-141); assim sendo, a interpretação psicanalítica possui como peculiaridade desconstruir os significados para fazer o paciente trabalhar, e não oferecer-lhe algum significado a que se apegue como rastro de uma interpretação precisa e exauriente, o que estaria mais próximo de uma sugestão (FINK, 2017, p. 141).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

impossibilidade de enfrentar um novo evento traumático³⁸, a hermenêutica é levada a um estado de agonia, a uma condição anestésica na qual a compreensão por si só não é o suficiente para se poder lidar eficazmente com o todo de nossa existência em análise.

Devemos retroceder um pouco, para lembrar com Paul Ricoeur que a hermenêutica filosófica não é contraposta à epistemologia como uma antítese, mas ela de fato combate uma concepção metafísica inflamada a postular para o sujeito epistemológico a transparência radical e totalizante das condições de possibilidade do seu discurso (RICOEUR, 2011, p. 131). Por serem inevitavelmente históricas essas condições, a inegável aptidão da reflexão pela hermenêutica pelo acesso do compreender no mundo da vida “é sempre apenas o segmento crítico de uma operação total que nunca rompe seus laços com uma compreensão pré-científica do mundo trazida por uma comunidade linguageira” (RICOEUR, 2011, p. 132). Para a hermenêutica, portanto, jamais pode haver a pretensão de um conhecimento definitivo, ressalvado o juízo do reconhecimento de dois pressupostos: o da finitude do próprio ser humano e o da intangibilidade de elucidação completa dos saberes consolidados a partir do compreender nas trilhas da historicidade³⁹.

O poder emancipatório da reflexão exigido pelas ciências sociais críticas, as quais se situariam supostamente acima da consciência hermenêutica por poderem dissolver as coações reinantes na vida social, apresenta aos olhos de Gadamer um investimento forçado, e por isso fictício, em suas pretensões diferenciadas (2002 (1967), p. 281). O gesto de Habermas em pleitear o ideal regulativo de uma comunicação sem limites e sem constrangimentos, um substituto aperfeiçoado da universalidade hermenêutica assentada na compreensão, importaria em promover ao final do processo de formação reflexiva uma quimera, digna de uma saturação da própria historicidade da qual ela descende. A ficção em tela produzida pelo projeto crítico habermasiano está estampada na teleologia de fazer coincidir todas as motivações da ação com o sentido que orienta o sujeito responsável pelo agir, isto é, a partir de uma exigência limítrofe baseada na “coincidência de todas as motivações da ação com um sentido compreendido” (GADAMER, 2002 (1967), p. 282).

Essa exigência hiperbólica e superficial abre alas para Gadamer retomar em contraponto a universalidade do problema hermenêutico nos moldes – mais plausíveis – por ele delineados, para sucessivamente legitimar o estatuto da compreensão de modo a compatibilizá-lo com qualquer experiência humana, inclusive com as particularidades advindas da psicanálise. Assim sendo, um sentido pode ser experimentado “também onde este não se dá intencionalmente” (GADAMER, 2002 (1967), p. 282)⁴⁰. Em simultâneo, refuta-se a premissa de Habermas segundo a qual apenas compreendemos quando vislumbramos os subterfúgios e desmascaramos as falsas intenções em

³⁸ “Agora sei o que estou fazendo, mas está muito difícil parar por mim mesmo”, eis uma queixa característica do seguinte quadro descrito por Bruce Fink: “apesar de um ego observador ter sido fomentado no paciente (...), o real, o impulso ou o reprimido que motiva o comportamento, manteve-se intocado e intacto” (2017, p. 139).

³⁹ “Desta forma, por um lado, o mundo constitui o *a priori* a partir de onde nos situamos em nossa história, o que significa dizer que jamais há um ponto de partida totalmente livre de pressuposto; por outro lado, trata-se de uma grandeza em contínua formação na medida em que é aberto a acolher novas dimensões de significação advindas *a posteriori* da própria pertença à história que caracteriza o ser humano. É isto que Gadamer denomina “fusão de horizontes”, a qual produz a ampliação e o enriquecimento do próprio horizonte de mundo que culturalmente nos marca” (OLIVEIRA, 2019, p. 186).

⁴⁰ E prossegue, concluindo ser a linguagem um jogo do qual todos participamos: “No fundo, a linguagem não é nenhum espelho, e o que vemos nela não é reflexo de nosso ser nem do ser de todos, mas uma interpretação e revitalização do que existe conosco, tanto na dependência real de trabalho e dominação como em tudo mais que constitui nosso mundo” (2002 (1967), p. 283). A corporeidade não deixa de ser, aliás, um fato linguístico, porque algo nos diz que alguma coisa nos falta quando estamos doentes, a partir da perturbação ou de certo desequilíbrio do todo concernente ao ser integral da pessoa sadia (GADAMER, 2006, p. 79-80).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

um certo momento final do processo reflexivo⁴¹ (GADAMER, 2002 (1967), pp. 282-283), seja porque artificialmente esgarçamos o mundo da linguagem em que todos estamos inseridos pela influência de interpolações privilegiadas, seja em virtude de descortinar a partir da ideologia (e da psicanálise) uma metafísica de sentidos “verdadeiros” às costas da falsa consciência⁴².

A alegoria do pássaro, utilizada por Kant, discerne bem os propósitos de ambos os autores: “A leve pomba, enquanto em seu livre vôo, corta o ar cuja resistência sente, poderia imaginar que ainda mais sucesso teria no vácuo” (STEIN, 1976, pp. 9 e 24). É como se Habermas, em sendo por metáfora aquela pomba, invocasse contra a resistência do ar (que deveras sente) o ideal de êxito de um projetar de asas perfeito, desimpedido de qualquer obstáculo de atrito⁴³. O ideal rarefeito, contudo, sabemos todos, é de raro efeito, na verdade nenhum, na existência efetiva dos pássaros que se encontram nas alturas. Noutra ponta, temos Gadamer, o qual situa a reflexão hermenêutica no círculo da compreensão arraigado no espaço histórico da significatividade da existência, em uma clareira de sentido cuja abertura de possibilidades se dá não em termos lógicos, mas em condições fáticas impassíveis de objetivação⁴⁴.

⁴¹ Estranho, para não dizer pouco convincente, é constatar com Ricoeur como o empreendimento teórico de Habermas, em se tratando somente da psicanálise, permanece ainda na esfera do compreender, ainda que a compreensão aqui culmine teleologicamente na tomada de consciência do paciente, com apoio no que ele chama de hermenêutica profunda, alicerçada em Alfred Lorenzer por intermédio dos mecanismos de desvendamento das distorções de comunicação (dessimbolização e ressimbolização para a conquista da linguagem pública). Em suas palavras: “Infelizmente, Habermas não nos diz nada sobre o modo no qual seria preciso transpor o esquema ao mesmo tempo explicativo e meta-hermenêutico da psicanálise para o plano das ideologias. Penso que deveríamos dizer que as distorções da comunicação, ligadas ao fenômeno social de dominação e de violência, também constituem fenômenos de dessimbolização” (RICOEUR, 1990, p. 127). Aliás, Gadamer critica a postura de Habermas em superestimar a reflexão emancipatória na psicanálise mediante uma “tecnificação da compreensão” cuja metodologia explicativa, ao eludir a linguagem, superaria – evitando – a polivalência ontológica em sua comunicabilidade de se poder expressar (2002 (1971), p. 300)

⁴² Gadamer vai dizer com todas as letras que não existe nenhuma realidade social com todas as suas pressões reais que não se expresse numa consciência articulada pela linguagem, ou seja, não existe para ele uma realidade “às esconsas da linguagem”, mas “às esconsas daqueles que pretendem compreender perfeitamente o mundo (ou não mais compreendê-lo)” (2002 (1967), p. 286).

⁴³ A postulação contrafactual efetuada por Habermas de uma situação ideal de discurso na qual a comunicação é irrestrita ou livre de dominação não o desembaraça, portanto, da seguinte ressalva: “se os arcabouços de sentido incorporados na tradição estão na origem de todo entendimento humano, como podemos localizar uma posição “fora” dessas molduras de sentido a partir das quais pode ser criticada como ideológica?” (GIDDENS, 2018, p. 176).

⁴⁴ O que nos direciona para a importante indagação sobre o estatuto da hermenêutica filosófica como teoria consistente capaz de produzir, pelo manejo da reflexão, critérios para o discernimento crítico entre interpretações autênticas e descabidas rumo ao conhecimento verdadeiro. Sobre a pergunta da identidade filosófica e das potencialidades da hermenêutica como teoria, temos as inquietudes de Ramón Rodríguez a nos acompanhar: “[A hermenêutica] consiste em uma fenomenologia da facticidade e finitude da existência histórica, que pode, portanto, ser julgada com critérios fenomenológicos? Ou é um tipo de pensamento que, superada a base fenomenológica, se omite a toda condição de verdade? A hermenêutica costuma considerar-se como uma reflexão crítica que, ao mostrar o que é suposto nas ciências e nas filosofias, retira delas sua pretensão de instâncias últimas e definitivas. Mas *quis custodet ipsos custodes?* Qual seria a maneira legítima de julgar a hermenêutica como teoria e sua prática concreta no terreno nas ciências do espírito? Essa resposta não pode ser facilmente encontrada. O abandono da evidência às filosofias da subjetividade, ou o que significa o mesmo, a ausência de uma instância clara que se possa acudir para, em algum sentido, comprovar a verdade dos enunciados teóricos, deixa o caminho aberto para a arbitrariedade interpretativa, isto é, paradoxalmente, a mera subjetividade” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 91). A crítica de Betti a Gadamer ilustra bem o ponto: “(...) existem quatro premissas na hermenêutica, das quais Gadamer trata apenas as três primeiras, a saber: o objecto tem de ser entendido nos seus próprios termos, isto é, enquanto sujeito (“a autonomia hermenêutica”); tem de ser entendido dentro do contexto (“coerência significativa”); tem de se adaptar àquilo que Betti chama a “factualidade” da experiência do interpretador (“pré-compreensão”). Porém, existe um quarto elemento envolvido, que, embora sustente os outros três,

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

A partir de Gadamer, Ernildo Stein interpreta a alegoria de Kant de modo magistral com o propósito de reivindicar uma transcendência a partir do peso inexorável da finitude humana, um fardo tornado positivo, porque libertado das amarras de uma comparação metafísica somente disponível ao pensamento abstrato sob o conforto de especulações artificiais. Para Stein, a resistência da finitude é a condição de possibilidade do esforço contínuo – o bater de asas – de uma transcendência revigorada pelos anseios de um saber pós-metafísico não mais conducente às origens totalizantes das causas primeiras. A transcendência hermenêutica, sedimentada na facticidade finita como o pavimento de chão (ou a resistência do ar) de toda experiência de ser, “não é uma tentativa de fuga da resistência da finitude; é antes uma constante e renovada exploração da finitude enquanto suporte que a permite” (STEIN, 1976, p. 24)⁴⁵.

AMBIGUIDADES ENTRE HERMENÊUTICA E PSICANÁLISE

O relacionamento da hermenêutica com a psicanálise pode ser considerada, então, como ambígua; trata-se de uma conexão com uma proximidade inevitável pelo assento da interpretação, embora com características de instabilidade e complexidade em virtude da multiplicidade de reverberações com níveis de conflito mais ou menos intensos. Conforme dito anteriormente, o objetivo mais amplo a ser alcançado através da presente pesquisa traduz-se em ser especificada a natureza do vínculo entre ambas e as potencialidades teórico-práticas desse aludido concerto. À medida que referida elucidação argumentativa for sendo efetuada *entre* os dois universos, os próprios campos em contato serão discernidos para ostentar uma determinada moldura com esteio em irreduzíveis fundamentos a partir de algumas concepções tidas por consagradas.

Antecipa-se desde já o lugar da hermenêutica de que partimos: a hermenêutica é uma concepção filosófica, uma manifestação irrecusável da filosofia. Mas não se trata de uma forma de pensar tradicional, metafísica, cujo pensamento instala a noção postulada de objetos absolutos e, por conseguinte, de uma verdadeira realidade. A hermenêutica se ocupa dos significados, dos sentidos e das interpretações compreendidas acerca do mundo, de nós mesmos e dos outros. Ela

não aparece na obra de Gadamer. É o da “equivalência de significado” (...), ou seja, a interpretação do produto ou ação humana é “adequada” às intenções do seu originador” (GIDDENS, 1996, p. 79). Ao nosso ver, Giddens, ao comentar a controvérsia no tocante à interpretação de textos, bem sistematiza a diferença entre as duas hermenêuticas (a de Betti e a de Gadamer), a primeira como “a tentativa de tentar compreender aquilo que um autor quer dizer através do que escreve e a forma como o texto é recebido pelos contemporâneos”, enquanto a segunda como “a compreensão do significado do texto à luz das circunstâncias actuais” (1996, p. 80). Nesse caso, assim o pensamos, não é que falte à hermenêutica de Gadamer o quarto pressuposto bancado por Betti; o fato é que a filosofia gadameriana se basta com os três elementos anteriores (nos quais as intenções de quem escreve se situam entre outros aspectos importantes), porque a ideia de uma prática interpretativa condicionada em última análise à autoria transformaria a hermenêutica numa metodologia com cartas marcadas avessa à experiência do acontecer compreensivo assentado na história.

⁴⁵ E conclui formidavelmente com uma recomendação ao saber filosófico em geral, o qual se projeta com recorrência em riscos inautênticos em nome de empreendimentos duvidosos (como nos parece acontecer com Habermas no aspecto do debate com a universalidade hermenêutica): “É preciso, portanto, ter consciência da possibilidade de a finitude se ocultar a si mesma. Isso ocorre de maneira quase chocante pelo fato de a experiência da finitude, em toda tradição metafísica, vestir-se com o “pathos” da infinitude. É o que verificamos com a questão da transcendência, que rotineiramente é interpretada como superação da finitude; quando na realidade é a manifestação radical da finitude que se inclina sobre suas próprias possibilidades” (1976, p. 27).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**

REIS, Mauricio Martins

infere da finitude da experiência humana e da sua correlata historicidade existencial a “inconclusividade de todo compreender e de toda reflexão” (GADAMER, 2002 (1971), p. 308).

Em certa medida, a hermenêutica pressupõe a universalidade do estatuto da compreensão sem pretender com isso esgotar o universo daquilo que, a partir do discurso (e das formas possíveis de interação simbólica), é mostrado por ele, apesar dele e para além dele. Ninguém fica com a última palavra na concepção hermenêutica, ou seja, aquilo que é compreendido não pode ser esgotado por nenhuma interpretação. A verdadeira temática da hermenêutica, dirá Gadamer, encontra a sua genuína legitimação na experiência viva dos acontecimentos históricos de que participamos, o que “nada tem a ver com a transparência do sentido” (GADAMER, 2002 (1971), p. 308).

Esse esclarecimento sobre a hermenêutica pode ensejar uma certa harmonia identificadora com os propósitos da psicanálise enquanto ciência (epistemologia) e prática clínica. Enquanto nos ocuparmos vagamente de termos como “hermenêutica” e “psicanálise”, a relação entre ambas, mais do que ambígua, demonstra-se impossível ou indeterminada. É certo que, munidos de informações bastante superficiais sobre uma e outra, as duas demarcam o seu correspondente trabalho nas trilhas da interpretação. Podemos apresentar nesse momento algumas perguntas norteadores de objetivos ulteriores: a) a psicanálise não se limita mesmo à compreensão das interpretações do analisante, do analista ou de ambos na jornada clínica?; b) a psicanálise como ciência ou tomada como discurso científico (metapsicologia) estaria igualmente imune ou subtraída à trama das significações hermenêuticas?

A chamada dualidade hermenêutica da psicanálise – o fato de ela lidar com as interpretações, mas não se esgotar nelas – reflete a condição de o saber psicanalítico nos remeter paradoxalmente para aquilo que está fora do âmbito discursivo, embora ao mesmo tempo seja condição essencial para o universo do discurso. A psicanálise ocupa inegavelmente um lugar não-hermenêutico, na medida em que o objeto por excelência da investigação psicanalítica (teórica e prática) recai na realidade do inconsciente, do desejo e de suas fantasias. Trata-se de um idioma próprio não mediado por ferramentas usuais de competência comunicativa, isto é, estamos a falar na psicanálise de manifestações precárias e singularíssimas (como nos sonhos e atos-falhos), distantes de uma comunicação consciente e plena de sentido. A realidade do inconsciente então traduziria um nível próprio de comunicação (o sintoma) que até pode comparecer no proferimento linguístico do analisante cuja gramática, em sendo reticente, discrepante, incontrolável, deslocada, repetida ou metafórica, resta “excomungada do uso público intencionado da linguagem” (HABERMAS, 1987, p. 43).

É conhecida a controvérsia sobre a natureza da psicanálise, inquietação concernente a Freud desde a elaboração do Projeto de 1895. Seria ela uma ciência natural de caráter explicativo ou um espécime das denominadas ciências compreensivas, ou seja, uma ciência hermenêutica? Colocado assim o debate acerca do estatuto epistemológico da psicanálise, devemos reconhecer a aproximação dela com a hermenêutica, em mais uma cena desse jogo de recuos e aproximações. Isto porque ela se mostra uma aliada na reivindicação e na elaboração de hipóteses interpretativas ou significados passíveis de compreensão (entendimento) comparativamente a modelos explicativos causais incidentes na psicologia em sentido geral.

Entretanto, essa compatibilidade hermenêutica diante da elaboração psicanalítica de nexos de sentido mais uma vez se obstrui diante de um diferente contraste, agora em relação ao que Sebastien Gardner qualifica como pensamento hermenêutico forte (como o de Gadamer, sugere o autor), quando se defende a autossuficiência de processos de compreensão sedimentados no domínio da linguagem natural entre interlocutores atuantes em dado contexto da aplicação (2020,

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

p. 186). Trata-se de um severo limite à pretensão de universalidade da hermenêutica, pois há situações, como na psicanálise, nas quais “o sujeito que produz estas manifestações vitais não reconhece suas próprias intenções”, o que se deixa entrever uma “comunicação sistematicamente distorcida” (HABERMAS, 1987, p. 39). Nesse aspecto, Freud desconsideraria o núcleo da hermenêutica filosófica para as suas investigações, porque, além de recusar uma teoria geral da interpretação psicanalítica subsidiada pelo poder do entendimento e da reflexão, ele atribui à linguagem uma importância atenuada ou nem tão fundamental, na medida em que ela marca tão-somente o indício de um meio da técnica terapêutica (GARDNER, 2020, p. 187). Voltamos ao ponto de que na psicanálise a linguagem e a palavra não são continentes do sentido e da realidade, mas testemunhos que registram um universo (efetivo e afetivo) para além do próprio discurso.

Então, retira-se a conclusão de que psicanálise e hermenêutica são de fato irreconciliáveis nessa perspectiva, tendo em vista que aquela rejeitaria as noções desta pela sua superficialidade, arraigada na premissa de que Freud jamais considerou o princípio da (auto)compreensão interpretativa como um fim em si mesmo para fins clínicos. Assim, as formas de interação estabelecidas na história da existência humana, sem as quais a linguagem não prosperaria, não seriam suficientes para recolher a plenitude do objeto psicanalítico: em termos de Lacan, apesar de o inconsciente ser estruturado como linguagem, as suas raízes se depositam em um “para além” hermenêutico não depositário da reflexão e dos ditames da consciência⁴⁶. É como se a hermenêutica ora recusada pela psicanálise ressaltasse àquela a limitação intrínseca de um “otimismo confiado do diálogo” (GADAMER, 2002 (1971), p. 301), carente de uma “profunda interpretação” (psicanalítica) ou, nos quadros mesmos da filosofia, destituída de “reflexão crítica” (na esteira dos reparos de Habermas frente a Gadamer).

Mas o fato é que a ambiguidade em foco envolve a divisão entre representantes hermenêuticos e naturalistas de Freud, uns defendendo mais ou menos o envolvimento do domínio das significações (ou do registro dos sentidos) junto ao aparato de fatos e de situações na história do sujeito. Por trás dessa disputa reside a investigação sobre a validade científica do conhecimento na psicanálise, seja como empreendimento empírico conformado a causas, seja como elaboração hermenêutica ou interpretativa mediante motivos. Mas Gardner nos diz que embora a psicanálise seja a responsável por levantar essa inquietação quanto à natureza das suas elaborações não significa que ela própria sozinha seja capaz de fornecer uma resposta satisfatória de acordo com a amplitude e intensidade requeridas pela filosofia (2020, p. 188). Talvez ela nem queira, aliás, passar por tal escrutínio.

Segundo o autor, a questão decisiva consiste em saber se a interpretação psicanalítica pode ser considerada em último caso uma expressão arbitrária das elaborações herdadas de Freud. Tal conjectura se apresenta ao menos plausível quando se defende a psicanálise como “uma teoria e uma prática que pretendem falar do homem enquanto ser singular” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 22), indagando sobre a verdade de cada sujeito na sua singularidade concreta. Eis que aparece o chamado “excesso de internalismo” a deflagrar a incomensurabilidade entre os casos clínicos, no limite de uma contradição científica a ponto de inviabilizar o manejo de categorias conceituais, ocasião na qual determinado caso “é tão forte em sua irredutibilidade a formas ou tipos clínicos

⁴⁶ Forçoso reconhecer que na psicanálise encontramos autores, como Alfred Lorenzer, que defendem a natureza hermenêutica do discurso psicanalítico, com o estatuto de uma ciência dos nexos de sentido cujas formas de interação são produzidas dentro e através da história (ARAÚJO, 1988, p. 104). Do ponto de vista da filosofia, há autores que intentam efetuar a leitura da psicanálise como uma teoria do sentido ou uma ciência interpretativa (LUSTOZA; FREIRE, 2006).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

anteriormente descritos que é capaz de destruir ou desfazer a classe na qual se inclui” (DUNKER, 2011, p. 575).

A articulação das relações sinuosas entre hermenêutica e psicanálise possui o seu ponto alto – e genético – no misto de estranheza e aproximação que o trabalho de Freud passou a elaborar em relação a um dos poucos filósofos explicitamente reconhecidos por ele, Franz Brentano (GARDNER, 2020, p. 200). Em especial, o tratamento do inconsciente levou Freud a uma encruzilhada: ao concordar com Brentano sobre a autonomia científica da psicologia (e do objeto concernente à realidade psíquica), a descoberta de uma esfera independente ou subtraída à realidade mental consciente levou Freud a corrigir ou complementar os dados da consciência preconizados pelo filósofo. Para Brentano, o afrouxamento dos estados mentais ou psíquicos com a dominação consciente – atrelada à intencionalidade – resultaria num absurdo insuscetível de regulação científica (GARDNER, 2020, p. 202).

A descoberta da psicanálise envolve um enigma: a revelação psicanalítica do inconsciente na verdade envolve um ocultamento e certa duplicação de sujeitos no interior da esfera humana (GARCIA-ROZA, 1990b, p. 9). Isso é desconcertante, embora seja verdadeiro para Freud. Por outro lado, para outras concepções, exatamente por ser desconcertante, isso torna a premissa psicanalítica falsa ou carente de justificações ulteriores para torná-la inteligível e coerente segundo cânones mais ortodoxos em torno da busca pelo saber objetivo e dominado pela linguagem consciente. Para Freud, um realismo correto para a psicologia (na visão de Brentano) e para a psicanálise conduziria por definição ao inconsciente (GARDNER, 2020, p. 202).

Mas será que a psicanálise se mostra avessa à hermenêutica quando, em vez de compreender, ela desempenha a tônica do deciframento? A verdade por acaso desapareceria com os signos equívocos, cambiantes e enganadores do aparelho psíquico diante da realidade exterior proveniente de fora? Ou será então que pela reconfiguração da realidade a partir do inconsciente e dos desencontros entre palavras e coisas a verdade em questão – e a hermenêutica – mereceriam um novo encontro marcado num inédito lugar epistemológico⁴⁷? Através do enigma psicanalítico uma verdade se insinua e nele o engano se mostra “inerente à relação que mantemos com a realidade externa” (GARCIA-ROZA, 1990a, p. 99). Ao fim e ao cabo, Freud vai se afastar da ortodoxia hermenêutica da transparência e do domínio do significado⁴⁸, em certo aspecto convergindo com a convicção contida no pensamento que elaborou a “ata de fundação” daquela disciplina filosófica (a hermenêutica), quando um de seus idealizadores, Friedrich Ast, em 1808, assim vaticinara: a melhor compreensão possível do humano envolve uma abordagem complexa com caráter abrangente da própria natureza a qual pertencemos como animais pensantes, pulsionais e racionais (GARDNER, 2020, pp. 205-206).

⁴⁷ Sabe-se que a psicanálise, especialmente a partir de Lacan, se opõe ao sujeito da consciência psicológica e ao sujeito da filosofia, pela explicitação estruturante do desencontro, na análise, entre aquele que fala e aquele de quem se fala, sendo que o “eu” remete ao menos para “dois”, pois ele se situa bem longe de ser idêntico (ou antes exclusivo) a si mesmo (SOLER, 2018, p. 24-25).

⁴⁸ Resta saber se a hermenêutica filosófica de Gadamer – um dos autores citados pelo artigo como representante forte dessa corrente de pensamento na filosofia – efetivamente se inspira nisso, nessa transparência e consumação de significado a partir de um nível comunicacional não truncado, como se as interpretações, inclusive psicanalíticas, fossem reduzidas à descoberta do significado objetivo de um texto (cremos que não, com base na própria resposta de Gadamer a Habermas no ano de 1971, réplica indicada em nossa bibliografia).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

A PROVOCAÇÃO LAPLANCHEANA

A aparente evidência de que a psicanálise seria uma hermenêutica, por ser assimilável a uma leitura na qual em princípio ela ofereceria um ou vários códigos, é contestada por Laplanche, cuja proposta consiste em exortar a vocação anti-hermenêutica do fazer e do pensar psicanalíticos⁴⁹. Isso porque ele postula a ausência de qualquer “sentido sintético” no método psicanalítico, o qual se define intrinsecamente como sendo “analítico, associativo-dissociativo” a fim de investigar o objeto visado, as representações inconscientes do sujeito. Apoiado em Freud, confere-se prioridade à interpretação (*Deutung*) como análise, e não como síntese reconstrutiva, procedendo, elemento por elemento, a restituição de um determinado elo perdido da cadeia associativa-dissociativa proveniente dos enunciados do paciente. O autor é claro no desprezo psicanalítico por “toda busca de sentido, toda compreensão prévia” (LAPLANCHE, 2023, p. 199) embutida na visão hermenêutica da interpretação como *Auslegung* ou *Interpretation*.

Porém, há um ato-falho importante nesse trecho, pois o autor toma como idênticas a “busca pelo sentido” e a “compreensão prévia”, o que nos faz substituir, delimitando, a tese da psicanálise como anti-hermenêutica por uma outra, mais precisa: Laplanche em verdade está a defender uma certa posição anti-hermenêutica da psicanálise, pois a busca de sentido não equivale à hegemonia de uma compreensão prévia, ou seja, nem sempre envolverá o sobrepujamento da análise pela síntese. Se a psicanálise fosse radicalmente uma anti-hermenêutica, ela renunciaria à possibilidade mesma do encontro com o outro em transferência, pelo qual analiticamente se vislumbra o liame analítico com o sentido, numa busca peculiar ao método psicanalítico, é verdade, mas nem por isso deixando de ser uma busca pelo sentido (daí ser a psicanálise uma hermenêutica). Um pouco adiante, o autor acena com a especificidade hermenêutica da psicanálise, ao dizer que o método analítico de “destrução” legado por Freud desde 1900, a seguir as pistas dos elementos inconscientes, “não quer dizer que não se produza síntese, mas ela é puramente espontânea e, sobretudo, individual” (LAPLANCHE, 2023, p. 200).

Para o que nos importa, Laplanche critica a ideia de ser a psicanálise um sistema de interpretações estereotipadas, uma noção estreita compartilhada por alguns de seus adeptos. Ao nosso ver, estamos diante justamente do problema relativo às simplificações, aos reducionismos de toda ordem a que estamos expostos no contexto psicanalítico. Ele ilustra a contaminação do código psicanalítico ao longo da história, um código por si só indispensável como via de possibilidade para o método, pelo perfilhamento de esquemas interventores⁵⁰ cuja extravagância transforma a análise em síntese. Com isso, contraditoriamente, um método analítico por excelência se vê atravessado pela influência de códigos preestabelecidos, os quais norteariam o que deveria ser o ofício de uma “destrução”. Nesse sentido, a psicanálise de fato não poderia ser menos hermenêutica pelo fato de serem instituídos meios para colocar em prática a universalidade como um *a priori*, efetivando-se o registro da certeza, do saber absoluto, em detrimento das singularidades psíquicas, dos sofrimentos individuais. Daí porque a advertência de Laplanche é muito bem-vinda

⁴⁹ “A psicanálise, por sua vez, seria assimilável a uma leitura, o que supõe que ela proporia, de saída, um ou vários códigos.” (LAPLANCHE, 2023, p. 198).

⁵⁰ De que são exemplo códigos supostamente psicanalíticos, como a simbólica e a tipicidade, os quais são sucedidos pelos grandes modais típicos, como os complexos (de Édipo, de castração), passando pela posição depressiva, em Melanie Klein, e pela função da lei, com Lacan (LAPLANCHE, 2023, pp. 200-201). Perceba-se que a crítica endereçada a esses instrumentos na verdade problematiza a correspondente força através da qual a busca pelo sentido vem suplantada pelo dogmatismo antecipador de uma fórmula já estabelecida.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

na aventura do pensamento clínico: “é o simbolismo que faz calar as associações” (LAPLANCHE, 2023, p. 202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutemos a palavra de Gadamer sobre o assunto, com o objetivo de concluirmos pela convergência de uma clareira de sentido no encontro entre psicanálise e hermenêutica filosófica advinda de “Verdade e Método”. É na recuperação do diálogo que se apresenta o processo da própria cura; mais ainda, na psicanálise se cuida de o paciente saber de sua própria doença ante um psicanalista quem, longe de ser apenas um interlocutor, participa em transferência da situação analítica como especialista que é (GADAMER, 2002 (1972), pp. 249-250). Estamos falando de um trabalho incomum e em comum, destituído de sínteses e condicionamentos com caução interpretativa garantidora. Portanto, há de se enfatizar, relembrando o início desse ensaio, o quanto Laplanche não poderia estar se referindo à hermenêutica de Gadamer no ponto radical de contraste com a ciência psicanalítica. Para fins de uma recomposição no título daquele texto do psicanalista francês a partir das considerações vertidas ao longo de nossas linhas de argumento, diríamos “a psicanálise como uma certa anti-hermenêutica”, ou “a psicanálise como anti-hermenêutica metafísica”, ou ainda “a psicanálise como uma hermenêutica não-metafísica”⁵¹.

Convocam-se então globalmente os objetivos vislumbrados no empreendimento teórico contemplado nesse artigo, divididos sucessivamente a seguir, apenas a título didático, nos problemas filosófico (além de prático-experimental) e científico oriundos da interface entre hermenêutica e psicanálise:

1. Situar epistemologicamente a hermenêutica filosófica a partir de Gadamer diante da psicanálise, para responder se o triângulo psicanalítico (de um procedimento de investigação, de uma teoria e de um método de tratamento) pode obter recursos de reflexão em benefício dos conceitos fundamentais envolvidos e da prática diagnóstico-terapêutica;
2. Explicitar a complexidade hermenêutica da articulação científica entre a prática do tratamento inconfundível das singularidades humanas e a teorização incessante de hipóteses-padrão norteadoras do estudo de casos, sem com isso incorrer em vieses reducionistas (de objetividade ingênua, de neutralidade cognoscitiva ou de empirismo estatístico).

⁵¹ Laplanche chega a citar explicitamente Gadamer em outro artigo daquela coletânea, reconhecendo-lhe méritos na sua maneira de pensar. Ao dizer sobre as tentativas de tradução mobilizadas por um ser humano – bebê, criança ou adulto – para tratar as mensagens (enigmáticas muitas vezes) provenientes de outro, o psicanalista francês atesta o mérito da hermenêutica gadameriana em ponderar a premissa acerca da inexistência de um ponto arquimédico ou de grau zero nas interpretações, pelo envolvimento inescapável de prévias concepções, expectativas de sentido, preconceitos e chaves de compreensão nas relações intersubjetivas (LAPLANCHE, 2023, p. 231).

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Gercileni Campos de. “Psicanálise: Ciência natural ou hermenêutica?” **Revista de Psicologia**, Fortaleza, V. 6 (2), Jul./Dez., 1988.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud: a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- CABESTAN, Philippe. “Hermeneutics and Psychoanalysis”. In: **The Routledge Companion to Hermeneutics**. New York City: Routledge, 2015.
- CARVALHO TEIXEIRA, José A. **Introdução à psicoterapia existencial**. *Análise Psicológica* (2006), 3 (XXIV).
- CASANOVA, Marco Antonio. “Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais”. In: **Psicologia fenomenológico-existencial – Possibilidades da atitude clínica fenomenológica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.
- DASTUR, Françoise; CABESTAN, Philippe. **Daseinsanálise: fenomenologia e psicanálise**. Via Verita, 2015.
- DUNKER, Christian I. L.. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica**. São Paulo: Annablume, 2011.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. “A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias das relações de objeto”. In: **As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2012.
- FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes**. São Paulo: Blucher; Karnac, 2017.
- FRANKL, Viktor E. “Fundamentos da análise existencial e da logoterapia”. In: **A psicoterapia na prática**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GADAMER, Hans-Georg. “A universalidade do problema hermenêutico (1966)”. In: **Verdade e Método II: complementos e índice**. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. “Retórica, hermenêutica e crítica da ideologia – Comentários metacríticos a Verdade e Método I (1967)”. In: **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. “Réplica à Hermenêutica e crítica da ideologia (1971)”. In: **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. “A incapacidade para o diálogo (1972)”. In: **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2002.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

- GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990a.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990b.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- GARDNER, Sebastien. “Hermeneutics and Psychoanalysis”. *In: The Cambridge Companion to Hermeneutics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- GIDDENS, Anthony. **Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- GIDDENS, Anthony. **Problemas centrais em teoria social: ação, estrutura e contradição na análise sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HABERMAS, Jurgen. “A pretensão de universalidade da hermenêutica”. *In: Dialética e Hermenêutica*. Traduzido por Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas**. São Paulo: Escuta, 2017.
- HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.
- LAPLANCHE, Jean. “A psicanálise como anti-hermenêutica”. *In: Entre a sedução e a inspiração: o homem*. Traduzido por Vanise Dresch. Porto Alegre: Dublinense, 2023.
- LOPARIC, Zeljko. “Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano”. *In: F. Kobloch, (org.), O inconsciente várias interpretações*. São Paulo: Escuta, 1991.
- LOPARIC, Zeljko. “Psicanálise: uma leitura heideggeriana”. *Veritas*, v. 43, n. 1, março 1998.
- LOPARIC, Zeljko. “Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise”. *In: Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.
- LUSTOZA, Rosane Zétola; FREIRE, Ana Beatriz. “Para uma crítica da leitura hermenêutica da psicanálise”. *In: Nat. hum.*, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2006.
- MEZAN, Renato. “Sobre a epistemologia da psicanálise”. *In: Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MORUJÃO, Carlos. “Sobre a Existência de uma “Redução Fenomenológica” em Psicanálise”. *In: Caminhos da Fenomenologia*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015.

**A hermenêutica de Gadamer como anti-hermenêutica:
um convite à associação livre com a psicanálise**
REIS, Mauricio Martins

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A metafísica do Ser Primordial**: L. B. Puntel e o desafio de repensar a metafísica hoje. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

PRADO JR., Bento. “Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud”. *In: Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação**: Ensaio sobre Freud. Traduzido por Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Porto: Rés Editora, 1988.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 1**: em torno da psicanálise. Traduzido por Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul. “Lógica hermenêutica?” *In: Escritos e conferências 2*: hermenêutica. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

RODRÍGUEZ, Ramón. **Hermenêutica e subjetividade**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

ROHDEN, Luiz. “Hermenêutica e Psicanálise enquanto epistemologias apropriadas ao aperfeiçoamento da alma”. *In: Veritas*, v. 65, n. 3, set.-dez., 2020.

SANCHO, Jesús Conill. **Ética hermenéutica**: crítica desde la facticidad. Madrid: Editorial Tecnos, 2006, p. 191.

SCHMIDT, Lawrence K.. **Hermenêutica**. Petrópolis, Vozes, 2012.

SOLER, Colette. **Rumo à identidade**. São Paulo: Aller Editora, 2018.

STEIN, Ernildo. **Melancolia**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

STEIN, Ernildo. “Bases analítico-existenciais da desconstrução e da desobjetificação. Consequências para a psicanálise”. *In: Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

STEIN, Ernildo. **Analítica existencial e psicanálise**: Freud, Binswanger, Lacan, Boss – conferências. Ijuí: Editoria Unijuí, 2012.

STEIN, Ernildo. “Sobre a hermenêutica como um paradigma pós-metafísico”. *In: A caminho do paradigma hermenêutico: ensaios e conferências*. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.